



GT 70. Processos identitários coletivos e lutas territoriais

Coordenador(es):

Alexandra Barbosa da Silva (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Claudia Mura (UFAL - Universidade Federal de Alagoas)

O objetivo do presente GT é buscar agregar reflexões empíricas sobre os processos identitários coletivos que têm nas lutas territoriais um elemento-chave. O intento é, precipuamente, impulsionar reflexões sobre quais fatores dão vida a processos de luta, em situações históricas e configurações específicas. Parte-se da hipótese de que a articulação e a consolidação de coletivos têm sua base no parentesco e em alianças políticas, bem como em experiências vividas e desenvolvidas localmente, ao longo do tempo, considerando-se, por exemplo, aspectos econômicos, ambientais, cosmológicos e rituais, a partir de configurações de poder específicas. Compreende-se, portanto, a relevância e pertinência, por exemplo, dos conceitos de conhecimento tradicional local, formulado por Ingold e Kurttila, e de morfologia social, elaborado por Mauss, sem deixar de atentar que estes desconsideram configurações diferenciadas de poder ao longo do tempo, bem como processos de constrição territorial, aspectos que vieram a ser ressaltados pelos conceitos de situação histórica e processos de territorialização, cunhados por Pacheco de Oliveira. O desafio, de fato, é analisar como, caso a caso, constrições territoriais impostas pelo Estado e por agentes privados são administradas, com base em modos de vida desenhados (sempre dinamicamente) por grupos domésticos e comunidades políticas locais, antes que necessariamente por grupos étnicos pré-definidos como tais.

Demarcações territoriais e identitárias no campo brasileiro: A identidade Sem-Terra em perspectiva.

Autoria: Karoline Beatriz Oliveira Barroso (UFPA - Universidade Federal do Pará), Carla Wanessa Oliveira da Silva

Considerando que a construção da identidade é tanto simbólica quanto social, a terra representa para classe campesina além de espaço de work, o local de produção simbólica e cultural, logo, o processo de desenraizamento desta classe configura-se como situação limite da estrutura capitalista, os conflitos territoriais no campo brasileiro tornam, de fato, um campo de batalha de interesses irreconciliáveis que produzem uma demarcação tanto territorial quanto identitária. Este work visa compreender o processo de construção da identidade sem-terra a partir da relação entre o camponês e a terra no Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). Buscou-se discutir o deslocamento do conceito de identidade do campo conceitual para o campo político, analisando a dinamicidade e a utilização de sistemas representacionais para militância política. As etapas da pesquisa consistem em revisão bibliográfica e entrevista semiestruturada, investigou-se as mudanças de significação do conceito de identidade e o cenário do campo brasileiro. Analisamos trajetória de vida de um integrante do MST, escolhido pelo tempo de militância, compreendendo a utilização dos símbolos e princípios organizativos do MST na formação da identidade coletiva de resistência, as informações foram coletadas a partir de entrevistas, que conciliaram relatos orais de histórias de vida com perguntas. Ademais, foi utilizado o material presente no site oficial do MST, analisando fotos e textos produzidos pelos sem-terra. Os sistemas representacionais utilizados vão desde hinos, poemas e cantigas criadas pelo MST aos objetos utilizados para representá-los, o camponês tem sua figura ligada ao facão, enxada e afins enquanto as máquinas ao latifundiário, o grande capital. Assim, destacamos o caráter relacional da identidade, que é afirmada a partir da existência do outro, como afirma Kathryn Woodward, os sistemas simbólicos atribuem sentido à experiência das divisões e desigualdades



sociais a forma que alguns grupos são excluídos e marginalizados. Através do relato obtido constatamos que o espaço do acampamento configura-se para além de local de work e cultivo, é o ambiente de convivência e produção cultural que exerce seu papel enquanto local de resistência política e cultural. Em síntese, o MST é produto da necessidade de organização de uma classe marginalizada dona de uma cultura própria e um relacionamento com a terra que diverge da lógica da estrutura vigente. A construção de uma identidade de resistência localiza-se historicamente como alternativa para a classe camponesa, o sentimento de pertencimento e a necessidade de sobrevivência tanto física quanto cultural mesclam-se e desembocam na organização política pela defesa de direitos negligenciados, de uma cultura constantemente ameaçada.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: